



J.J VEIGA E MIA COUTO – UM DIÁLOGO LITERÁRIO ENTRE
BRASIL E MOÇAMBIQUE

J.J. VEIGA AND MIA COUTO - LITERARY DIALOGUE
BETWEEN BRAZIL AND MOZAMBIQUE

Ana Claudia Servilha Martins¹

Recebimento do texto: 10/08/2016

Data de aceite: 15/09/2016

RESUMO: O presente artigo investiga, no âmbito da Literatura Comparada, aproximações e distanciamentos da produção artística dos autores José J. Veiga, escritor brasileiro da década de 60, e do autor moçambicano Mia Couto, que iniciou suas publicações no ano de 1980. Para o estudo das análises comparatistas propostas, temos como objeto de estudo a obra *Terra Sonâmbula* (1992) do escritor Mia Couto e *Sombras de Reis Barbudos* (1972) do escritor José J. Veiga. As reflexões deste presente estudo permeiam diálogos e elementos relacionados destacadamente ao capitalismo, política e marginalização das “minorias”, assim vistas por suas condições de classe social, racial e de crenças. Este indivíduo corrompido, marcado pela guerra colonial (1965-1975) e civil (1976-1992) como representado na narrativa de Mia Couto *Terra Sonâmbula* ou no contexto da ditadura militar ocorrida no Brasil (1964-1985) como ocorre na poética de José J. Veiga, em sua obra *Sombras de Reis Barbudos*, é o fundamental elemento literário da produção destes autores contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: Mia Couto; José J. Veiga; Literatura Comparada.

ABSTRACT: This paper investigates the scope of Comparative Literature, similarities and differences of artistic production of authors José J. Veiga, writer da 60's and the Mozambican author Mia Couto, which began publication in 1980. for making study analyzes comparatists proposals have as object of study the work *Sleepwalking Land* (1992) writer Mia Couto and *Shadow Barbudos Kings* (1972) writer José J. Veiga. The reflections of the present study permeate dialogues and elements related notably to capitalism, and political marginalization of "minorities", as seen by their conditions of social class, race and belief. This corrupt individual, marked by colonial war (1965-1975) and civil (1976-1992) as depicted in the narrative of Mia Couto *Sleepwalking Land* or in the context of the military dictatorship that took place in Brazil (1964-1985) as in the poetics of Joseph J . Veiga in his *Barbudos Kings Shadow* work is the fundamental element of the literary production of these contemporary authors.

KEYWORDS: Mia Couto; José J. Veiga; Comparative literature.

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso, discente no Programa de Estudos Literários nível de Mestrado/PPGEL- UNEMAT Campus Universitário de Tangará da Serra, MT- Brasil, CEP: 78.300-000.





Esta pesquisa traz um estudo comparatista sobre as obras *Terra Sonâmbula* do escritor moçambicano Mia Couto e *Sombras de Reis Barbudos* do escritor brasileiro José J. Veiga. A Literatura Comparada como forma de pesquisa é para Croce (1994, p.60-64) aquela que considera todos os antecedentes da obra literária: “próximos ou longínquos, práticos e ideais, filosóficos ou literários, buscando as ideias ou temas literários” e que acompanha os “acontecimentos, as alterações, as agregações, o desenvolvimento e as influências recíprocas entre as diferentes literaturas”. Deste modo, o presente estudo e discussão têm como resultado a possibilidade de complementar nosso entendimento literário e cultural acerca da análise do romance *Terra Sonâmbula* (1992) de Mia Couto e da narrativa *Sombras de Reis Barbudos* (1972) de José J. Veiga.

Considerando sua trajetória histórica e literária Moçambique vive um constante, progressivo e conflituoso processo de (re)construção da identidade nacional, dentre outras questões inseridas no contexto histórico cita-se as guerras coloniais e civis. A sistemática da colonização portuguesa no país moçambicano obrigou grande parte da nação moçambicana a renegar seus próprios valores para reforçar a hierarquia do colonizador.

No Brasil, a influência da colonização portuguesa, mesmo que em períodos, contextos e paisagens distintas, também promoveu mudanças e marcas profundas em várias esferas sociais, políticas e culturais do país. A arte literária em sua amplitude sociológica e filosófica permitiu ao homem refletir sobre dúvidas, inquietudes e problemáticas que assolavam seu tempo.

Assim, a análise comparatista entre Brasil e Moçambique no contexto literário envolvendo os autores Mia Couto e José J. Veiga nos possibilita encontrar não um fim, mas um meio de se compreender possíveis aproximações e distanciamentos entre culturas.





Como aponta Rezende:

Muitos fatores relativos à base sócio-cultural aproximam os países de língua oficial portuguesa, especialmente Brasil e Moçambique, que foram objetos de dominação colonial portuguesa por muitos anos. A língua portuguesa é o instrumento com o qual os dois países fortalecem e irmanam suas experiências. E Moçambique, que apesar de formar sua literatura sobre um imaginário próprio, tem com o Brasil uma identificação que procura manter através dos anos. (2010, p. 22):

Dentro desta análise comparativista importou-nos perceber as perspectivas de enlaçamentos e desenlaces entre essas fronteiras de múltiplas experiências e sistemas sociais e literários.

Para Carvalhal:

A literatura comparada, sendo uma atividade crítica, não necessita excluir o histórico (sem cair no historicismo), mas ao lidar amplamente com dados literários e extraliterários ela fornece à crítica literária e à teoria literária uma base fundamental. Todas essas disciplinas concorrem em conjunto para o estudo do literário, resguardada a especificidade de cada uma. (2004 p. 23)

O presente processo implica a investigação que confronta estas duas literaturas, que envolvem a escrita de Mia Couto e de José J. Veiga, num viés teórico-crítico e não excludente. Neste contexto para Pichois e Rousseau:

A literatura comparada é a arte metódica, pela busca de laços de analogia, de parentesco e de influência, de aproximar a literatura de outros domínios da expressão ou do conhecimento, ou então os fatos e os textos literários entre si, distantes ou não no tempo e no espaço, desde que pertençam a várias línguas ou culturas, que façam parte de uma mesma tradição, para melhor





descrevê-los, compreendê-los e saboreá-los. (1995, p. 2016)

Nesta busca pela descrição, compreensão e saboreio de novas tradições e culturas da expressão artística ou do conhecimento de fatos literários e extraliterários, singulares ou plurais, adentramos as análises do contexto do tempo e identidade, espaço e cultura nas obras de Mia Couto e José J. Veiga.

Terra Sonâmbula: A “Terra” entre dois mundos

António Emílio Leite Couto ou popular Mia Couto nasceu em Moçambique, na cidade de Beira em 05 de Julho de 1955. Filho do poeta e jornalista português Fernando Couto, atuou como jornalista, estudou medicina e formou-se em biologia. Autor de várias obras de grande valor literário e de inúmeros textos de interesse de críticos internacionais, Mia Couto possui obras traduzidas em diferentes idiomas. Dentre elas destacam-se: *Cronicando* (crônicas, 1988); *Cada homem é uma raça* (contos, 1990); *Terra Sonâmbula* (1992); *Estórias Abensonhadas* (contos, 1994); *A varanda do Frangipani* (romance, 1996); *Contos do nascer da terra* (contos, 1997); *Mar me quer* (novela, 1997); *Vinte e Zinco* (romance, 1999); *Raiz do Orvalho* (poemas, 1999); *O Último Voo do Flamingo* (romance, 2000), entre outras obras poéticas importantes que retratam o contexto nacional de Moçambique, assim como sentimentos universais da existência humana. Mia Couto com seu cunho literário inventivo, crítico, criativo e, acima de tudo, pertinente às iniciativas de cunho coletivo, usa sua arte literária como representação do homem e sociedade contemporânea.

A escritora Maria do Carmo Sepúlveda Campos (2006), na obra intitulada *África & Brasil: letras em laços* expõe um fragmento acerca da visão de Mia Couto sobre sua condição humana, retirada da obra *O Gato e o novelo*:





Sou um escritor africano de raça branca. Este seria o primeiro traço de uma apresentação de mim mesmo. Escolho estas condições – a de africano e a de descendente de europeus – para definir logo à partida a condição de potencial conflito de culturas que transporto. Que se vai “resolvendo” por mestiçagens sucessivas, assimilações, trocas permanentes. Como outros brancos nascidos e criados em África, sou um ser de fronteira [...] Para melhor sublinhar minha condição periférica, eu deveria acrescentar: sou um escritor africano, branco e de língua portuguesa. Porque o idioma estabelece o meu território preferencial de mestiçagem, o lugar da reinvenção de mim. Necessito inscrever na língua do meu lado português a marca da minha individualidade africana. Necessito tecer um tecido africano, mas só o sei fazer usando panos e linhas europeias. (Grifos nossos), (1997, p.59)

Por meio deste olhar reflexivo do escritor Mia Couto, o romance *Terra Sonâmbula* representa literariamente Moçambique no período de colonização portuguesa. Couto, de forma inovadora, propõe, por meio da linguagem interativa com o leitor, uma aproximação de elementos heterogêneos na obra, como vida e morte, passado e futuro.

Como aponta Rezende:

Ao se envolver com elementos básicos como: água, tempo, casa, terra, rio, se combina elementos heterogêneos, que antes eram tidos como inconciliáveis, mas que são aproximados pelo autor para explorar melhor a linguagem, que com esses recursos vai se tornando inovadora, poética, insólita e fantástica, pois rompe a crosta da norma onde reside uma percepção corrompida pelo habitual. (2010, p. 132)

Estes elementos apresentados na obra representam o homem moçambicano que na narrativa é o nascer das águas e o morrer da terra. Este indivíduo corrompido, marcado pela guerra colonial (1965-1975) e civil (1976-1992) em Moçambique, constitui o herói moderno que mesmo diante de suas fraquezas e limitações não perde de vista o caminho dos sonhos e da esperança.





Para Rocha:

[...] Em Terra sonâmbula, a guerra desfaz as referências comunitárias: destrói as aldeias tradicionais, desestrutura as famílias e desmancha as diversas identidades coletivas, o “nós” enraizado no seu entorno _ a paisagem, a terra, a cultura. Terra sonâmbula narra a desordem coletiva das estruturas sociais (...), a desintegração social e cultural provocada por essa “mais desumanas das guerras”; e denuncia as atrocidades cometidas contra as populações civis em nome de uma guerra ideológica, bem como suas consequências sobre a sensibilidade dos seres humanos _ a redução de sua humanidade, suas deformações internas, psicológicas e mentais; e, paralelamente, faz emergir a força das tradições e do imaginário cultural como estratégia de resistência e impulso utópico. Assim, sendo, Mia Couto coloca nitidamente (...) a oposição cultural entre os homens que lutam pelo poder e, as comunidades tradicionais agrárias, deslocadas de sua terra cultural. (2006, p.70)

Delineando estes aspectos do romance, relacionamos o reflexo sensível do modo como Mia Couto se relaciona com a matéria de sua obra, nos possibilitando compreender a ideia de fronteira, pluralidade e conjunturas culturais que nos obrigam a lançar um novo olhar sobre a produção cultural ou multicultural desta literatura engajada em representar a identidade dos moçambicanos e do indivíduo em conflito com seu próprio existencialismo humano.

Sombras de reis barbudos: A escrita de Goiás para o mundo

O escritor brasileiro José J. Veiga nasceu em Goiás na fazenda Morro Grande, situada entre os municípios de Pirenópolis e Corumbá no ano de 1915, vindo a falecer em 1999. Este grande escritor goiano, mesmo vindo a publicar suas literaturas a partir dos 45 anos de idade, lançou inúmeras obras, que contemplam uma literatura que na simplicidade da linguagem, desafia o leitor a conhecer o “desconhecido”, este, que assola o homem em seu contexto





histórico-cultural. Dentre todas as suas publicações destacam-se: *Os Cavalinhos de Platiplanto* (1959); *A Hora dos Ruminantes* (1966); *A Máquina Extraviada* (1967); *Sombras de Reis Barbudos* (1972); *Os Pecados da Tribo* (1976); *O Professor Burim e as Quatro Calamidades* (1978); *De Jogos e Festas* (1980); *Aquele Mundo de Vasabarro* (1982); *Torvelinho Dia e Noite* (1985); *A Casca da Serpente* (1989); *Os melhores contos de J. J. Veiga* (1989); *O Almanach de Piumhy - Restaurado por José J. Veiga* (1989); *O Risonho Cavallo do Príncipe* (1993); *O Relógio Belizário* (1995); *Tajá e Sua Gente* (1997) e os *Objetos Turbulentos* (1997).

A escrita deste autor contemporâneo goiano reflete marcas da instabilidade política e econômica que assolou o Brasil durante o período da ascensão autoritária no país, que se estabelece sobretudo entre 1968 até 1978. Chamamos de produção contemporânea no Brasil as obras e movimentos literários surgidos nas décadas de 60 e 70 e que refletiram um momento histórico caracterizado inicialmente pelo autoritarismo e por uma rígida censura. Em diálogo com Rezende,

seu período mais difícil ocorreu entre 1968 e 1978, quando os militares impetraram o Ato Institucional nº 5 (AI-5), ao povo brasileiro. Esse ato entrou em vigor em 13 de dezembro de 1968, e foi o quinto de uma série de decretos emitidos pelo regime militar brasileiro nos anos seguintes ao Golpe militar de 1964 no Brasil. Foi o mais abrangente e autoritário de todos os outros atos institucionais. O Ato vigorou até 31 de dezembro de 1978. (2010 p. 199)

Na busca pela reflexão do sentido social, político e humano do contexto de conflitos do período, nasce a escrita introspectiva de diversos escritores contemporâneos comprometidos com uma literatura crítica, como exemplo: Dalton Trevisan, Rubem Fonseca, Érico Veríssimo, Jorge Amado, Lygia Fagundes Telles, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e o próprio escritor





goiano José J. Veiga. Em sua obra *Sombras de Reis Barbudos*, José J. Veiga busca representar um contexto de medo e instabilidade política, econômica e social pelo qual o Brasil atravessou no entre as décadas de 60 e 70.

Como discorre Rezende:

A obra de Veiga revela o contexto de medo e opressão dos anos 70, com o AI-5 chegando aos extremos de proibições e cerceando a liberdade dos brasileiros. Uma das marcas da ditadura brasileira era esconder a opressão por trás da ideia de progresso, como está muito bem representado e denunciado em toda obra desse escritor. (2010, p. 205)

A partir dessas reflexões, podemos constatar elementos que compunham o plano literário deste autor em seu modo particular e ao mesmo tempo coletivo de buscar, criticamente, desenhar o cenário nacional da retaliação brasileira vivida sobretudo nos anos de 1970. O inconformismo, não somente ligado a José J. Veiga, mas a toda uma nação em busca da “quebra” do não dito, do inconformismo, da submissão de classes, gêneros, ideologias e utopias, é um dos elementos possíveis de serem explorados na análise da narrativa *Sombras de Reis Barbudos*.

Diálogos possíveis entre *Terra Sonâmbula* e *Sombras de reis barbudos*

Vinte anos separam a escrita de José J. Veiga da do escritor moçambicano Mia Couto. No entanto, mesmo dentro desta disparidade de tempo, contexto e espaço, muitos são os elementos literários e extraliterários que os assemelham dentro da proposta artística de (re)formular, (re)inventar e (re)criticar o mundo e o chão que minuciosamente pisam e recriam por meio de suas narrativas.





A literatura surge como ferramenta que busca questionar e agregar novas possibilidades de reflexão existencial do homem com seu meio, neste emoldurado de emancipações ela obteve um novo e fundamental objetivo: olhar as parcelas de conflitos do homem com seus conceitos de verdade, moralidade e ética. A partir deste momento de renovação, as obras literárias produzidas por autores contemporâneos passam a viabilizar reflexões em torno de convicções e valores estéticos próprios, sem a influência dos colonizadores e suas imposições opressoras. Passou-se a buscar o referencial do que é legítimo a determinado espaço, tempo, cultura e sociedade. Neste êxtase do novo, surge um novo momento da literatura brasileira, aqui representada na escrita de José J. Veiga.

Adentrando perspectivas comparatistas, a literatura moçambicana nos fins do século XIV e no começo do século XX ganha sustentação com o surgimento de intelectuais oriundos das bases sociais que, agora “descolonizados”, buscam sua autonomia, poder e identidade. De fato, o período pós - segunda guerra mundial (1939-1945) consolidou ainda mais o desejo de independência em Moçambique. É neste anseio que surge a “literatura de combate”, esta intimamente ligada aos anseios de novos tempos, comportamentos e costumes. É por meio deste processo de consolidação literária que as atividades ideológicas, culturais, políticas e econômicas do país moçambicano ganham destaque sob o olhar de autores e escritores críticos à violência e às transformações de identidade e tradição do povo do continente africano num todo.

Autores como *Fernando Monteiro de Castro Soromenho* (1910-1968), *Noémia de Souza* (1927), *José Craveirinha* (1922-2003), *Rui Nogar* (1932-1993), *Fernando Ganhão* (1937) *Jorge Rebelo* (1940) *Armando Guebriza* (1935) e *Mia Couto* (1955) por meio de suas obras poéticas fizeram surgir uma consciência social de voz coletiva, e as justaposições entre colonizadores e





colonizados, as consequências catastróficas das guerras coloniais e civis entre portugueses e moçambicanos ganharam espaço e prevalência como temas de suas criações literárias. Como contextualiza Campos, “verificou-se um desejo de recontar o passado longínquo, assim como a história vívida do presente”. (2006, p. 23)

Dessa forma, os autores deste período, mesmo preocupados com o futuro do Moçambique, não deixaram de fazer menção às suas experiências e desordens do passado, para que assim fosse possível justificar os rumos de ordem e progresso do povo moçambicano, pois como afirma Campos, “uma função desse processo de re-formular a história da nova nação tem resultado em obras que ou re-contam e re-mitificam, ou questionam e contestam aspectos sociais, políticos e culturais do passado e da história contemporânea”. (2006, p. 26)

A força literária destes autores estabeleceu em África novas impressões, perspectivas e questionamentos inovadores e surrealistas de mundo. Com a atenção voltada às suas próprias exuberâncias patrióticas a efetivação da literatura em Moçambique mobilizou o intimismo da nova geração de homens e mulheres contrapostos à dominação advinda da colonização. Entre África e Brasil é notório observar que a consolidação social e literária de ambos os países ocorreu em meio ao doloroso processo de guerra, não somente entre colonizadores e colonizados, mas pelo próprio desejo de poder existente entre o indivíduo pertencente a sua própria raça. Como exemplo citamos a Guerra Civil de Moçambique (1976-1992) e a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). Estes fatos e elementos históricos, mesmo presentes em contextos, espaços e temporalidades distintas, compõem de forma direta/indireta a representação literária de Mia Couto e José J. Veiga da realidade que delineiam.





Outro aspecto a ser considerado é o de que ambos os escritores utilizam a linguagem coloquial como forma de aproximação com o leitor, o que nos leva a constatar a recorrência a tradições orais, ainda que apresentadas em seu modo inicial, mas que contemplam a beleza estética dos romances. De todo modo, estes dois autores utilizam-se de provérbios de formas singulares: José J. Veiga os cita de maneira formal inserindo-os em determinado contexto e sociedade, Mia Couto, por sua vez, os recriam sob uma nova particularidade e perspectiva de mundo, aquela em que vivem seres corrompidos pelos mais devastadores sentimentos de frustração e derrota. Contudo, recriados ou não, os dois autores utilizam os provérbios como forma de provocar a criticidade e reflexão do leitor, por meio de personagens deslocados socioculturalmente no plano em que se estabelecem no enredo.

Vale apontar que o retrato literário da realidade social do país moçambicano é representado em *Terra Sonâmbula* e a data de sua publicação, 1992, coincide com o fim da colonização portuguesa em Moçambique. Deste modo, a linguagem coloquial empregada no romance possibilita refletir o processo de reconstrução do país moçambicano. Nessa obra é explícito o desejo de autonomia da nação moçambicana na visão distinta de Mia Couto, considerado um escritor inventivo, que abre espaço para infinitas reflexões. Os capítulos presentes na narrativa representam os caminhos existentes entre passado e futuro, vida e morte no país moçambicano em seu processo de libertação às opressões hierárquicas portuguesas. Esta representação da realidade moçambicana ocorre nas primeiras linhas da obra em que Mia Couto descreve a paisagem “morta” do país moçambicano no período da guerra colonial e civil:

Naquele lugar, a guerra tinha morto à estrada. Pelos caminhos só as hienas se arrastavam, focinhando entre cinzas e poeiras. A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam à boca. Em cores sujas, tão sujas que tinham perdido





toda a leveza, esquecidas da ousadia de levantar asas pelo azul. Aqui o céu se tornara impossível. E os viventes se acostumaram ao chão. Em resignada aprendizagem da morte. (COUTO, 2007, p. 09)

Neste céu cinzento de Moçambique, os personagens principais do romance que são o jovem Muidinga, o velho Tuahir e o menino Kindzu (representado por meio dos seus descritos póstumos), representam literariamente todo o país e nação moçambicana dividido entre dois mundos com sede de luta pela sua identidade e autonomia, mas que ainda andam por céus nublados e caminhos fechados e sonâmbulos a uma perspectiva de futuro, como refletido no fragmento da obra que segue descrito a seguir: “[...] Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam bambolentos como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram. Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante”. (COUTO, 2007 p. 9)

Não obstante, a narrativa *Sombras de Reis Barbudos* (1972), publicada vinte anos antes da obra miacoutiana, é ambientada em Taitara, cidade do interior de um país em obscuro marco geográfico, representando o Brasil. O romance possui como temática central questões voltadas à opressão imposta pela guerra ideológica do homem com seu meio, da busca incessante pelo poder, assim como o massacre entre colonizador e colonizado, opressor e oprimido. José J. Veiga delimita uma reprodução literária do comportamento social do Brasil, no período da ditadura e imposição patriarcal. Segue um fragmento da obra que denota este diálogo: “Nas visitas dos estrangeiros, que: (...) reclamavam dos quartos, da comida, da poeira, como se fossem reis acostumados com o bom e o melhor”. (VEIGA, 1989, p. 10)

Nesta passagem da obra, o autor expõe a submissão sobre os marginalizados do país, em que a hierarquia do poder prevalece sobre a dor e exploração do “outro”. Assim como em *Terra Sonâmbula*, a obra de José J.





Veiga simula um firme elo entre passado e futuro, em que o presente sempre se remete ao passado para compreensões existenciais contemporâneas. Este pensamento cristaliza-se pela fala do personagem Lucas, menino de 11 anos de idade, que recorda à sua mãe lembranças passadas da cidade onde vivem denominada Taiara relatando a chegada de seu tio Baltazar e da Companhia Melhoramentos no lugarejo. Neste fragmento de *Sombras de Reis Barbudos*, o narrar em 1ª pessoa do personagem Lucas evidencia os abalos trazidos pelo regime opressor do período ditador no Brasil:

Está bem, mãe. Vou fazer a sua vontade. Vou escrever a história do que aconteceu aqui com a chegada de tio Baltazar. Sei que esse pedido insistente é um truque para me prender em casa, a senhora acha perigoso eu ficar andando por aí hoje, quando os fiscais já não fiscalizam com tanto rigor. (VEIGA, 1989, p.01)

Aqui, o desejo de confissão de Veiga em imprimir o tom de verdade verossímil aos fatos históricos ocorridos no país é evidenciado por meio do narrar infantil de Lucas, representação da voz coletiva dos oprimidos, enquanto o tio Baltazar representa a elite brasileira e a Companhia Melhoramentos o estrangeiro, o novo e particular no ambiente da trama. Este parecer é enfatizado em novos relatos do menino Lucas como pode ser observado na passagem: “Quando tio Baltazar começou a falar no projeto da Companhia meu pai se mudou para as nuvens. Quem o visse explicando o assunto e rebatendo críticas era capaz de pensar que a ideia era dele”. (VEIGA, 1989, p. 09)

Os resultados advindos da guerra entre opressor e oprimido tornam-se cada vez mais evidentes na obra de José J. Veiga, como nota-se no trecho:

Talvez seja mesmo uma boa maneira de passar o tempo, [escrever] já estou cansado de bater pernas pelos lugares de sempre e só ver tristeza de casas vazias, janelas e portas batendo ao vento, mato crescendo nos pátios antes tão bem





tratados, lagartixas passeando atrevidas até em cima dos móveis, gambás fazendo ninho nos fogões apagados, se vingando do tempo em que corriam perigo até no fundo dos quintais. (VEIGA, 1989, p. 01-02)

Nesta mesma intencionalidade de delimitações dos poderes entre opressores e oprimidos, da ênfase da falsa moralidade humana corrompida pelo estrangeirismo de outra ideologia histórica, econômica e cultural Mia Couto em *Terra Sonâmbula* destaca todo o processo opressor sobre Moçambique como notório nos fragmentos do romance a seguir:

Gentes imensas se concentravam na praia como se fossem destroços trazidos pelas ondas. A verdade era outra: tinham vindo do interior, das terras onde os matadores tinham proclamado seu reino. Consoante as pobres gentes fugiam também os bandidos vinham em seu rasto como hienas perseguindo agonizantes gazelas. E agora aqueles deslocados se campeavam por ali sem terra para produzirem a mínima comida”. (COUTO, 2007 p. 55)

Constata-se nestes fragmentos da obra, uma busca incessante pelos direitos básicos e universais da sobrevivência humana. Como ocorre na obra de José J. Veiga, o tempo, contexto, política e economia presentes no romance de Mia Couto irmanam experiências de uma sociedade monopolizada pelo capitalismo, pela dominação colonial portuguesa anos a fio. Ambas as obras dentro do diálogo da irmandade cultural, representam o insólito e a transgressão do homem contemporâneo que busca por meio das ditaduras, o conceito de “ordem e progresso”.

Como afirma Rezende:

Entendemos que as dúvidas e os fatos insólitos surgem na narrativa como uma oportunidade de indagação e uma forma de questionar a aparência e procurar vislumbrar outros mundos dentro da realidade aparente, como requer o gênero fantástico contemporâneo, e que Mia Couto e J. J. Veiga sabem desenvolver com maestria. (2010, p. 9)





Deste modo, a realidade histórico-cultural que norteia estes dois autores, mesmo que distintas em seus contextos, se confluem nas explicações objetivas da inserção do real na irrealidade das narrativas, ou seja, as questões sociais, morais e existências possíveis entre estes dois países, alcançam a pluralidade de mundo, dentro da escrita de José J. Veiga e Mia Couto.

Resgatando literariamente o desespero e a esperança do encontrar de um novo tempo, estes dois autores de forma sensível desfiem em palavras lentas o resgate a voz coletiva por meio de suas obras. Como podemos verificar nos fragmentos das obras a seguir, ambos os autores desenvolvem uma narrativa que inaugura paisagens de um mundo dividido entre o medo e a esperança, sonho e realidade, guerra e paz:

No final, porém restará uma manhã como está, cheia de luz nova e se escutará uma voz longínqua como se fosse uma memória de antes de sermos gente. E surgirão os doces acordes de uma canção, o terno embalo da primeira mãe. Esse canto, sim, será nosso, a lembrança de uma raiz profunda que não foram capazes de nos arrancar. E essa voz nos dará a força de um novo princípio e, ao escutá-la, os cadáveres sossegarão nas covas e os sobreviventes abraçarão a vida com o ingênuo entusiasmo dos namorados. Tudo isso se fará se formos capazes de nos despirmos deste tempo que nos fez animais. (COUTO, 2007 p, 202)

Quem tinha condições de viver fora estava largando tudo e fugindo. No princípio a Companhia não se importou, talvez por achar que quanto menos gente houvesse na cidade, mas fácil seria a fiscalização. (...) Depois até a porta do sonho foi fechada quando a Companhia fechou as estradas. (...) Com isso ficamos isolados do mundo, gente de fora não ia querer entrar sabendo que não podia sair. Nem carta recebíamos por que os carteiros agora trabalhavam na fiscalização e ninguém era bobo de ir buscar correspondência no correio: esperta como era a Companhia na certa estava vigiando a agência; as cartas que ficassem lá mofando, coisas muito mais importantes tínhamos perdido e estávamos perdendo todo dia. (VEIGA, 1989, p.114)

Estes espaços geograficamente e historicamente distanciados, mas literariamente enquadrados, assemelham-se na denúncia dos muros que dividiam países, cidades e pessoas de seu lugar, modo e senso comum. Mia





Couto e José J. Veiga contextualizam poeticamente um mundo julgado e subvertido a dois grandes blocos: o Socialismo e o Capitalismo, o velho mundo imerso no novo mundo “moderno”, como se constata nos seguintes fragmentos:

De repente os muros, esses muros. Da noite para o dia eles brotaram assim retos, curvos, quebrados, descendo, subindo, dividindo as ruas do meio conforme o traçado, separando amigos, tapando vistas, escurecendo abafando. Até hoje não sabemos se eles foram construídos ai mesmo nos lugares ou trazidos de longe já prontos e fincados ai. No princípio quebrávamos a cabeça para achar o caminho de uma rua à rua seguinte, e pensávamos que não íamos nos acostumar; hoje podemos transitar por toda parte até de olhos fechados, como se os muros não existissem. (VEIGA, 1989, p. 27)

Porque está guerra não foi feita para nos tirar o país, mas para tirar o país de dentro de vós. Agora a arma é a vossa única alma. Roubaram-vos tanto que nem sequer os sonhos são vossos, nada de vossa terra vos pertence, e até o céu e o mar são propriedades de estranhos. (COUTO, 2007 p. 201)

Sombras de Reis Barbudos e Terra Sonâmbula propõem uma reflexão a respeito da sociedade contemporânea que não refletem somente Brasil e África. Como afirma Rezende (2010, p. 270), “em toda sociedade há o que podemos chamar de “desassossego da vida moderna”, já que os autores utilizam-se de símbolos que retratam a opressão imposta aos países, que podem ser vistos como metáforas do mundo todo”. Em resumo, a obras destes dois autores apontam uma sociedade “mecanizada”, repleta de prejuízos ao ser humano, que está cada vez mais ligado às medidas autoritárias para o alcance da ordem e progresso. E suas construções metafóricas permitem a fuga da mesmice do cotidiano, possibilita adentrarmos a uma nova reflexão sobre a o mundo contemporâneo, que hoje, como cita Rezende (2010, p. 269), “atravessa um momento de crise em todos os sentidos: econômico, social e cultural. Todas as certezas, tão antigas quanto à natureza humana estão desaparecendo”.





O romance destes dois autores contemporâneos nos possibilitam leituras intertextuais, o que nos promove uma tomada de consciência em relação à importância da solidariedade em tempos de profundo individualismo. E neste impasse entre o humano e profano, Mia Couto e José J. Veiga, mesmo que em vertentes literárias distintas, descrevem ao leitor o profundo representar das experiências e limitações humanas.

Conclusão

Há no estudo da obra literária um momento analítico que precisa deixar em suspenso problemas relativos ao autor, ao valor, a atuação psíquica e social a fim de reforçar a concentração necessária na obra como objeto de conhecimento e há um momento crítico, que indaga sobre a validade da obra em sua função como sistema de projeção da experiência humana. (CANDIDO, 1965, p. 89)

Ambos os autores assumem posições claras das suas experiências, concepções e posicionamentos sociais e políticos no qual defendem o sentido de pátria livre de opressões, guerras e proibições. José J. Veiga e Mia Couto optam por narrativas que constroem um potencial filosófico, social e ideológico que alcançam uma escrita universal e de grande representação do homem e suas relações existenciais com o mundo.

O romance moçambicano *Terra Sonâmbula* assim como o romance brasileiro *Sombras de Reis Barbudos* evidenciam marcas da guerra e da destruição causada pela colonização e marginalização das minorias. O sofrimento, angústia, medo, resistência, incerteza, revolta, sonhos e tantos outros elementos umbilicais humanos são valorizados e recriados no plano literário destes autores que contemplam tantas semelhanças em enredo, temática e linguagem. A busca pelo que é nacional e legítimo se configuram nas narrativas destes contempladores da inquietude humana.





Em síntese, ambos os romances possuem uma linguagem poética, em *Terra Sonâmbula* vive o homem moçambicano isolado pela colonização em Moçambique, em *Sombras de Reis Barbudos* sobrevive o homem brasileiro aos desmandos da opressão e militarismo no Brasil.

Referências

- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BRUNEL, P.; PICOIS, CI. E ROUSSEAU A. M. **O que é literatura comparada**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- CÂNDIDO, A. **Pensamento e militância**. São Paulo: Humanistas, 1999.
- CAMPOS, Maria do Carmo Sepúlveda. **África & Brasil: letras em laços**. Maria Teresa Salgado. São Caetano do Sil: Yedis Editora, 2006.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 2004.
- COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras 2007
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 17º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. **A literatura no Brasil**. Eduardo de Faria Coutinho. 6ª ed. - SP: Global, 2002.
- CROCE, Benedetto. A literatura comparada. In: COUTINHO & CARVALHAL. **Literatura Comparada Textos Fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- FROEHLICH, Neila Salete Gheller. **História e Tradição em Terra Sonâmbula de Mia Couto**. Tangará da Serra- MT, 2011.
- MOISÉS, Massaud. **A história da Literatura Brasileira: Realismo e Simbolismo**. 5ª ed. São Paulo - Editora: Cutrix, 2007.
- OLIVEIRA, Ana Maria Abrahão dos Santos. **As impermanências da paisagem em Terra Sonâmbula: Sonho e Resistência**. Artigo disponível em: http://www.uff.br/revistaabril/revista-02/009_ana%20maria%20oliveira.pdf. Acesso em: 14/03/2013.





REZENDE, Irene Severina. **O Fantástico no contexto sócio-cultural do século XX: José J. Veiga (Brasil) e Mia Couto (Moçambique)**. Alto Araguaia/ MT: 2010

ROCHA, Enilce Albergaria. A narrativa ficcional e a identidade cultural: a guerra pós -independência em Moçambique na escrita de Mia Couto. In: DELGADO, Inácio G, et al. **Vozes (além) da África**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006.

SZABOLCSI, Miklós. **Literatura universal do século XX: principais correntes**. Brasília: Universidade de Brasília, 1990.

URBANO, Hudinilson. **Oralidade na literatura: o caso Rubem Fonseca**. São Paulo: Cortez, 2000.

VEIGA, José J. **Sombras de Reis Barbudo**. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1989.

